

A ampliação da moratória *Dívida Externa* **como era esperado**

JORNAL DA TARDE - 3 JUL 1987

A ampliação da moratória brasileira, que agora inclui as instituições financeiras governamentais reunidas no Clube de Paris, às quais o Brasil deixará de pagar cerca de US\$ 1 bilhão este ano, correspondentes a amortizações do principal, não chegou a surpreender a comunidade financeira internacional. Tanto os credores oficiais quanto os privados conhecem muito bem a real situação de nossas reservas internacionais e por esse motivo já previam essa decisão há tempos.

"Ninguém esperava mesmo receber um centavo do principal em 1987", conforme declarou um alto funcionário do governo britânico ao correspondente da Gazeta Mercantil em Londres, sintetizando em uma frase o estado de espírito dos países membros do Clube de Paris. A mesma reação pode ser encontrada no País, onde os meios financeiros já davam como certa essa extensão da moratória desde a posse do ministro Bresser Pereira, que em declarações sucessivas havia criticado os membros do Clube de Paris por terem suspenso os desembolsos de novos créditos ao Brasil desde o dia 20 de fevereiro, quando o presidente Sarney interrompeu o pagamento dos juros aos bancos privados.

No entanto, a própria necessidade de ampliar a moratória para nela incluir o conjunto de credores oficiais representa uma prova definitiva de que o ex-ministro Dílson Funaro tentou enganar a Nação no início deste ano, ao arrotar que o Clube de Paris havia concordado em negociar os débitos brasileiros sem o monitoramento da economia pelo FMI. Na ocasião, em um de seus costumeiros momentos de devaneio, o ex-ministro chegou a afirmar que estavam reabertas todas as linhas de crédito comercial dos bancos oficiais ao País, fato que "facilitava muito as negociações com os credores privados" (mal sabiam os brasileiros que em algumas semanas o Brasil decretaria a moratória técnica, suspendendo o pagamento dos juros devidos aos bancos comerciais privados).

Mas o sr. Funaro, escondendo a verdade como sempre, dava pouca importância ao apoio do governo norte-americano, fundamental para a decisão do Clube de Paris de fazer uma rolagem temporária dos débitos até 30 de junho, e dizia aos brasileiros: "É como se recebêssemos um aval do Clube de Paris", acrescentando que o "acordo" significava uma vitória para a tese básica do governo Sarney, segundo a qual "o problema da dívida não se resolve com esquemas ortodoxos de ajustamento e sacrifícios inúteis impostos à população". E, de quebra, sem o mínimo de responsabilidade, aproveitava para uma de suas habituais declarações demagógicas, assegurando que o fantástico "acordo" permitiria o reinício das importações de máquinas e equipamentos para facilitar a modernização e o crescimento do sistema produtivo brasileiro.

Como sempre, quando a nossa economia já estava caminhando para o abismo, o sr. Funaro nos prometia o céu. Mas agora, com a extensão da moratória ao Clube de Paris, suas mentiras ficam totalmente demonstradas para todos aqueles que ainda cometem o engano de levá-lo a sério. Também está comprovado pelos fatos que a moratória decretada para que "a dívida não fosse paga com a fome do povo brasileiro" em nada contribuiu para diminuir essa fome. Ao contrário, só ajudou a aumentá-la com a paralisação dos investimentos, a inflação sem controle, o desemprego e outros males da recessão. A mesma recessão que serviu de pretexto para impedir um acordo com o FMI e os credores externos.

Na verdade, desde a moratória, nossa economia vem-se desacelerando rapidamente, com problemas muito piores do que aqueles que o sr. Funaro dizia estar resolvendo.

Felizmente, hoje a situação sofreu uma mudança radical, porque o ministro Bresser Pereira, que não é candidato à Presidência, tem-se revelado um homem de coragem, capaz de dizer a verdade ao povo brasileiro. Antes de suspender o pagamento das amortizações ao Clube de Paris, o ministro da Fazenda tentou conseguir um novo prazo, já que não haveria condições para obter, até 15 de julho, uma avaliação positiva do FMI sobre o novo programa de ajustamento econômico em curso, da qual também depende a retomada das conversações com os credores privados. O Clube concordou em esperar até 15 de setembro para negociar a dívida vencida no primeiro semestre deste ano, porém exigiu o pagamento dos compromissos referentes ao segundo semestre a partir de 1º de julho.

Diante desse fato, o ministro Bresser Pereira, alegando a necessidade de proteger nossas magras reservas internacionais, decidiu ampliar a moratória. Contudo, assegurou (neste caso dizendo meia verdade, em nossa opinião) que não se trata de um confronto entre o País e o Clube de Paris, mas da necessidade de preservar nossas reservas. (Dizemos meia verdade porque nossas reservas são praticamente zero.) Ou seja, o ministro não fechou as portas para um entendimento com os credores oficiais ainda este ano, pois não ignora que precisará de sua ajuda para fechar as contas de 1987. Além disso, sabe que a falta de um acordo verdadeiro com o Clube ou cada um de seus membros isoladamente pode prejudicar as negociações com o Banco Mundial, que são vitais para os planos do governo, uma vez que as conversações com os credores privados serão difíceis e bastante demoradas.

Apesar de mais essa consequência da grave crise cambial causada pelos desvarios do ex-ministro Dílson Funaro e dos erros de política econômica cometidos em sua gestão, temos confiança em que, graças à objetividade, ao senso de responsabilidade do ministro Bresser Pereira e à racionalidade das medidas tomadas até agora para possibilitar a recuperação do nosso superávit comercial, o Brasil poderá novamente ser salvo, in extremis, do pior.